

Acima da cidade, em uma coluna alta, repousava a estátua do Príncipe Feliz

Ele estava inteiramente coberto com folhas finas de ouro puro; no lugar dos olhos havia duas safiras brilhantes e um rubi vermelho, enorme, ardia no punho de sua espada.

Ele era, de fato, muito admirado. “Ele é belo como a rosa dos ventos”, observou um dos conselheiros da cidade, que desejava obter reputação por seu gosto artístico; “só que não é muito útil”, acrescentou, temendo que as pessoas o considerassem pouco prático, o que ele realmente não era.

“Por que você não pode ser como o Príncipe Feliz”, perguntou a mãe, sensata, ao seu pequeno filho que suplicava por coisas impossíveis. “O Príncipe Feliz nunca suplicou por nada, nem em sonho”.

“Eu estou contente por saber que alguém no mundo que é feliz”, murmurou o homem frustrado assim que se deparou com a maravilhosa estátua.

“Ele se parece com um anjo”, disseram as Crianças Caridosas, e tão logo saíram da catedral em seus mantos escarlate brilhantes e aventais brancos muito limpos.

“Como vocês podem saber?”, disse o Professor de Matemática, “se vocês nunca viram um?”

“Ah, mas nós vemos, em nossos sonhos”, responderam as crianças; e o Professor de Matemática franziu as sobrancelhas num olhar severo, porque ele não aprovava o que as crianças sonhassem.

Certa noite, uma Andorinha sobrevoou a cidade.

Seus amigos tinham ido ao Egito seis semanas antes, mas ele ficou para trás, por estar apaixonado pelo mais belo Junco que encontrara no começo da primavera, quando voava rio abaixo atrás de uma imensa mariposa amarela. Ele se sentiu tão atraído por sua cintura delgada que teve que parar para conversar.

“Eu poderia amá-la?”, disse a Andorinha, que gostava de ir direto ao ponto, e Junco curvou-se, numa pequena saudação. Então ele voou várias vezes em torno dela, tocando a água com suas asas, provocando ondulações prateadas. Essa era sua maneira de cortejá-la, e ele assim o fez durante todo o verão.

“Trata-se de uma fixação ridícula”, gorjearam as outras Andorinhas; “ela não tem dinheiro algum, e além do mais, tem um monte de parentes”, e, de fato, o rio estava completamente lotado de juncos. Então, quando chegou o outono, todas as andorinhas voaram para longe.

Depois que elas partiram ele sentiu-se só, e começou a cansar-se de sua amada. “Ela não tem assunto”, disse ele, “e estou com medo de que seja leviana, por estar sempre flertando com o vento”.

E, de fato, sempre que o vento soprava, Junco fazia as mais graciosas reverências. “Eu aceito que ela seja caseira”, prosseguiu, “mas amo viajar e minha esposa, conseqüentemente, também deve amar as viagens”.

“Você iria embora comigo?”, disse ele, finalmente, mas Junco balançou a cabeça, estava presa demais em sua própria casa.

“Você esteve brincando comigo”, ele lamentou. “Vou para as pirâmides. Adeus”, e voou para longe.

Ele voou durante todo o dia e ao cair da noite alcançou a cidade. “Onde poderei me hospedar?”, disse, “espero que a cidade tenha feito os preparativos”.

Então avistou a estátua sobre a alta coluna.

“Eu me hospedarei lá”, exclamou; “é um bom lugar, repleto de ar fresco”.

Assim, ele pousou entre os pés do Príncipe Feliz

“Tenho uma cama de ouro”, disse suavemente para si mesmo ao olhar em volta, e preparou-se para dormir. Mas, tão logo acomodou a cabeça sob a asa, uma espessa gota-d’água caiu sobre ele.

“Que coisa interessante!” exclamou; “não há uma única nuvem no céu, as estrelas estão perfeitamente claras e brilhantes, e ainda assim chove. O clima do norte da Europa é mesmo espantoso. Junco costumava gostar da chuva, mas é puro egoísmo da parte dela.”

Então outra gota caiu.

“Qual a utilidade de uma estátua se ela não pode nos proteger da chuva?”, disse ele.

“Devo procurar por uma boa cobertura de chaminé”, e decidiu ir embora.

Mas antes de ter aberto as asas, a terceira gota caiu; ele olhou para cima e então viu. Ah! E o que ele viu?

Os olhos do Príncipe Feliz estavam repletos de lágrimas, e lágrimas escorriam de sua face dourada. Seu rosto estava tão belo sob a luz da lua que Andorinha encheu-se de pena.

“Quem é você?”, disse ele.

“Sou o Príncipe Feliz”.

“Então por que choras?”, perguntou Andorinha, “você me deixou encharcado”.

“Quando eu estava vivo e possuía um coração humano”, respondeu a estátua, “eu não conhecia lágrimas, porque vivia no Palácio de Sans-Souci- 1, onde a tristeza não pode entrar. Durante o dia eu jogava no jardim com meus companheiros e à noite eu conduzia a dança no grande salão. Ao redor do jardim erguia-se um muro grandioso, imponente, mas eu nunca me preocupei em perguntar o que havia além dele, porque tudo em minha vida era belo. Meus cortesãos chamavam-me de Príncipe Feliz, e eu era mesmo feliz, se prazer for felicidade. Assim vivi, até a morte. E agora que estou morto me puseram aqui no alto de onde posso avistar toda a feiura e a miséria de minha cidade, e ainda que meu coração seja moldado em chumbo, não tenho escolha a não ser chorar”.

“Quê? Ele não é feito de ouro maciço?”, disse Andorinha para si mesmo, pois era educado demais para emitir qualquer tipo de opinião pessoal em voz alta.

“Longe daqui”, prosseguiu a estátua, numa voz baixa e melodiosa, “longe daqui, em uma pequena rua, existe uma casa pobre. Uma das janelas está aberta e através dela posso ver uma mulher sentada à mesa. Seu rosto é frio e macilento, suas mãos são vermelhas e ásperas, com muitas picadas de agulhas, por ser costureira. Ela está bordando flores de maracujá em um vestido de cetim para a dama de honra preferida da rainha usar no próximo baile da Corte”.

“Numa cama no canto do quarto seu pequeno filho está deitado, enfermo. Está febril e pede que lhe deem laranjas. Sua mãe não tem nada a lhe oferecer além da água do rio, e por isso ele chora. Andorinha, Andorinha, pequeno Andorinha, você não poderia levar a ela o rubi que está no cabo de minha espada? Meus pés estão presos neste pedestal e não posso me mover”.

“Esperam por mim no Egito”, disse Andorinha. “Meus amigos voam por todo o Nilo e conversam com as enormes flores-de-lótus. Em breve eles dormirão na tumba do grande rei. O próprio rei está pintado no esquife. Está envolto em linho amarelo, embalsamado com especiarias. Em torno do pescoço há uma corrente de jade verde pálido, e suas mãos são como folhas secas”.

“Andorinha, Andorinha, pequeno Andorinha”, disse o Príncipe, “você não poderia ficar comigo apenas por uma noite e ser meu mensageiro? O menino tem muita sede e a mãe está tão triste”.

“Eu não sei se gosto de meninos”, respondeu Andorinha. “No último verão, quando estava no rio, havia dois garotos grosseiros; eram irmãos e atiravam pedras em mim. Nunca me acertaram, naturalmente, nós andorinhas voamos bem demais, e além disso, eu venho de uma família famosa pela habilidade; mas ainda assim isso demonstra desrespeito”.

Mas o Príncipe Feliz parecia muito triste e Andorinha arrependeu-se.

“Está muito frio aqui”, ele disse; “mas eu ficarei com você por uma noite, e serei seu mensageiro”.

“Muito obrigado, pequeno Andorinha”, disse o Príncipe.

Então Andorinha removeu da espada o grande rubi e voou, carregando-o no bico, por sobre os telhados da cidade.

Passou pela torre da catedral, onde estavam esculpidos os anjos de mármore branco. Passou pelo palácio e ouviu os sons da dança. Uma bela jovem veio à sacada com seu amado.

“Como são maravilhosas as estrelas”, ele disse a ela, “e como é maravilhosa a força do amor!”.

“Eu espero que meu vestido esteja pronto a tempo para o Baile da Corte”, disse ela. “Ordenei que fossem bordadas flores-de-maracujá, mas a costureira é tão preguiçosa”.

Passou pelo rio e viu as lanternas penduradas nos mastros dos barcos. Passou pelo gueto e viu os velhos judeus barganhando entre si, pesando dinheiro em balanças de cobre. Por fim chegou à casa pobre e olhou para dentro. Na cama, o menino agitava-se, febril, e sua mãe havia caído no sono, de tanto cansaço. Num salto, ele pousou o grande rubi na mesa, perto do dedal. Então voou gentilmente ao redor da cama, abanando as asas na frente do menino.

“Como eu me sinto refrescado”, disse o garoto, “devo estar melhorando”; e mergulhou num sono gostoso.

Assim, Andorinha voou de volta para o Príncipe Feliz, e contou a ele o que havia feito.

“Curioso”, reparou, “mas eu me sinto aquecido agora, apesar de estar tão frio”.

“Isso é porque você fez uma boa ação”, disse o Príncipe.

Andorinha começou a pensar e logo se sentiu sonolento, pois pensar sempre lhe dava sono.

Quando o dia amanheceu, ele voou para o rio e banhou-se.

“Que fenômeno notável”, disse o Professor de Ornitologia enquanto atravessava a ponte. “Uma Andorinha no inverno!”. E escreveu um longo artigo sobre o fato no jornal da cidade. Todos notaram o artigo, repleto de palavras que ninguém entendia.

“Esta noite parto para o Egito”, disse Andorinha, extremamente animado com a perspectiva. Visitou todos os monumentos públicos e passou longo tempo no alto da torre da igreja. Onde quer que fosse, os pardais gorjeavam e diziam entre si, “Que visitante ilustre!”, e ele se divertia. Quando surgiu a lua, voou de volta pra o Príncipe Feliz

“Você tem alguma recomendação para o Egito?”, exclamou, “pois estou partindo”.

“Andorinha, Andorinha, pequeno Andorinha”, disse o Príncipe, “você não ficará comigo a noite toda?”.

“Esperam por mim no Egito”, respondeu Andorinha. “Amanhã meus amigos voarão por sobre a segunda catarata. Ali, o hipopótamo deita-se entre os juncos e num grande trono de granito está sentado o deus Memnon. Durante toda a noite ele observa as estrelas e quando brilha a estrela da manhã, solta um brado de satisfação e silêncio. Ao meio-dia os leões dourados vêm à beira-d'água para matar a sede. Seus olhos parecem berilos verdes e o rugido é mais potente que o estrondo da catarata”.

“Andorinha, Andorinha, pequeno Andorinha”, disse o Príncipe, “longe, cruzando a cidade, vejo um jovem num sótão. Está inclinado sobre uma escrivaninha coberta de papéis e num copo a seu lado está um ramalhete de violetas murchas. Seu cabelo é castanho e ondulado, os lábios são rubros como romã e ele possui grandes olhos sonhadores. Ele tenta terminar uma peça para o Diretor do Teatro, mas está com muito frio para poder continuar. Não há fogo na grelha e a fome o fez desmaiar”.

“Ficarei com você por mais uma noite”, disse Andorinha, que tinha um coração realmente bom. “Devo levar a ele outro rubi?”.

“Ai de mim! Agora não tenho mais nenhum rubi”, disse o Príncipe, “meus olhos são a única coisa que me resta. Eles são feitos de safiras raras, trazidas da Índia há milhares de anos atrás. Arranque um deles e dê ao jovem. Ele o venderá a algum joalheiro, então poderá comprar comida e lenha e terminar a peça”.

“Querido Príncipe”, disse Andorinha, “eu não posso fazer isso”, e começou a chorar.

“Andorinha, Andorinha, pequeno Andorinha”, disse o Príncipe, “assim eu te ordeno”.

Então Andorinha arrancou o olho do Príncipe e voou para o sótão do estudante. Foi bem fácil entrar, pois havia um buraco no telhado. Atirou-se por ele e entrou no quarto. O jovem tinha a cabeça enterrada entre as mãos, por isso não ouviu o esvoaçar das asas do pássaro, e quando ergueu os olhos, viu a bela safira repousando sobre as violetas murchas.

“Eu começo a ser apreciado”, exclamou, “isso veio de um grande admirador. Agora posso concluir minha peça”, e parecia completamente feliz.

No dia seguinte Andorinha voou até o porto. Sentou-se no mastro de um grande navio e observou os marinheiros puxarem com uma corda grandes arcas de dentro de um porão.

“Ergue, ó de bordo!”, gritavam a cada caixote içado.

“Eu vou para o Egito”, gritava Andorinha, mas ninguém se importava, e quando a lua surgiu, voou ao encontro do Príncipe Feliz.

“Vim para dar-lhe adeus”, exclamou.

“Andorinha, Andorinha, pequeno Andorinha”, disse o Príncipe, “você não ficaria comigo a noite toda?”.

“É inverno”, respondeu Andorinha, “e a neve gelada logo chegará. No Egito, o sol aquece as palmeiras verdejantes e os crocodilos deitam-se na lama, preguiçosos. Meus companheiros fazem ninhos no Templo de Baalbec e as pombas rosas e brancas os observam, arrulhando uma com as outras”. “Querido Príncipe, preciso deixá-lo, mas nunca o esquecerei, e na próxima primavera trarei duas belas jóias no lugar daquelas que você ofertou. O rubi será mais rubro que a rosa vermelha e a safira será tão azul quanto o oceano”.

“Na praça, logo abaixo”, disse o Príncipe, “encontra-se uma pequena menina dos fósforos. Ela deixou os fósforos caírem na sarjeta e agora eles estão estragados. Apanhará do pai se não levar nenhum dinheiro para casa, por isso está chorando. Ela não tem meias ou sapatos e a cabecinha está descoberta. Arranque meu outro olho e dê a ela, para que não apanhe do pai”.

“Permanecerei contigo por mais uma noite”, disse Andorinha, “mas não posso arrancar-lhe o olho. Ficará completamente cego se eu o fizer”.

“Andorinha, Andorinha, pequeno Andorinha”, disse o Príncipe, “assim eu te ordeno”.

Então ele arrancou o outro olho do Príncipe e voou como um dardo para baixo. Desceu sobre a menina dos fósforos e deslizou a joia na palma de sua mão.

“Que belo pedacinho de vidro”, exultou a menininha, e correu para casa, rindo.

Então Andorinha retornou ao Príncipe: “Você está cego agora”, disse, “por isso ficarei com você para sempre”.

“Não, pequeno Andorinha”, disse o pobre Príncipe, “você deve ir embora para o Egito”.

“Ficarei sempre com você”, disse Andorinha, e dormiu aos pés do Príncipe.

No dia seguinte ele sentou-se no ombro do Príncipe e contou-lhe histórias sobre o que vira em terras estrangeiras. Contou-lhe sobre íbis vermelhos, que ficam enfileirados nos bancos de areia do Nilo, apanhando peixes dourados com os bicos. Falou-lhe sobre a esfinge, que é tão antiga quanto o próprio mundo, vive no deserto e tudo sabe; sobre os mercadores, que caminham lentamente ao lado de seus camelos, carregando contas âmbar nas mãos. Contou-lhe sobre o Rei das Montanhas da Lua, negro como o ébano, e que venera um imenso cristal; sobre a grande serpente verde que dorme numa palmeira e possui vinte sacerdotes para alimentá-la com bolos de mel. Sobre os pigmeus que velejam o grande lago sobre amplas folhas planas e estão sempre em guerra com as borboletas.

“Querido Andorinha”, disse o Príncipe, “você me contou a respeito de coisas espantosas, porém mais espantoso que tudo é o sofrimento de homens e mulheres. Não há mistério tão grande quanto a miséria. Voe por sobre minha cidade, pequeno Andorinha, e diga-me o que você avista por lá”.

Então Andorinha sobrevoou a grande cidade, e viu os ricos se divertindo em suas belas casas enquanto mendigos sentavam-se nos portões. Voou por becos escuros e viu as faces lívidas das crianças famintas olhando indiferentes e desanimadas nas ruas sombrias. Sob o arco da ponte, dois pequenos garotos deitavam-se nos braços um do outro, tentando se manterem aquecidos.

“Como estão famintos!”, disse Andorinha.

“Vocês não podem se deitar aqui”, gritou o guarda, e eles vagaram pela chuva afora.

Então Andorinha retornou e contou ao Príncipe o que havia visto.

“Eu estou coberto de puro ouro”, disse o Príncipe, “você deve retirá-lo, folha por folha, e dá-lo aos pobres. Os vivos sempre acham que o ouro pode fazê-los felizes”.

Folha por folha do refinado ouro Andorinha retirou, até o Príncipe tornar-se completamente tosco e cinzento. Folha por folha do refinado ouro ele entregou aos pobres, e as faces das crianças se tornaram mais rosadas, elas riam e brincavam nas ruas.

“Temos pão agora!”, exultavam.

Veio a neve e em seguida, a geada. As ruas pareciam feitas de prata de tão brilhantes e resplandecentes; longos pingentes de gelo, como punhais de cristal, penduravam-se nos beirais das casas; as pessoas cobriam-se de peles; menininhos usavam gorros escarlates e deslizavam sobre o gelo.

O pobre e pequeno Andorinha estava cada vez mais gelado, mas não poderia abandonar o Príncipe, pois o amava muito. Colhia migalhas na frente da padaria quando o padeiro não estava olhando e batia as asas na tentativa de manter-se aquecido. Por fim, ele percebeu que estava morrendo. Só teve forças para voar até o ombro do Príncipe mais uma vez.

“Adeus, querido Príncipe”, murmurou, “você me permitiria beijar sua mão?”.

“Estou contente em saber que você finalmente voará para o Egito, pequeno Andorinha”, disse o Príncipe. “Você ficou por aqui por tempo demais; mas deve beijar-me nos lábios, pois eu o amo”.

“Não é para o Egito que estou partindo”, disse Andorinha, “estou indo para a Morada da Morte. A Morte é irmã do sono, não é?”.

Beijou o Príncipe Feliz nos lábios e caiu morto a seus pés.

Nesse momento um estranho barulho ecoou do interior da estátua, como se algo tivesse se quebrado. De fato, o coração de chumbo partira-se em dois. Fazia, sem dúvida, um frio tremendamente severo.

Logo cedo, na manhã seguinte, o Prefeito caminhava na companhia do Conselheiro da Cidade. Ao passar pela coluna, olhou para a estátua: “Meu Deus! Como o Príncipe Feliz parece acabado!”, disse ele.

“Deveras acabado!”, exclamou o Conselheiro da Cidade, que sempre concordava com o Prefeito, e puseram-se a olhá-la.

“O rubi desprendeu-se da espada, os olhos se foram, e ele não está mais dourado”, disse o Prefeito. “Na verdade, ele parece pouco melhor que um mendigo!”.

“Pouco melhor que um mendigo”, replicou o Conselheiro.

“E há até mesmo um pássaro morto a seus pés!”, prosseguiu o Prefeito. “Nós precisamos mesmo editar uma proclamação proibindo pássaros de morrerem aqui”. E o Escrevente da cidade redigiu uma nota com a sugestão.

Então derrubaram a estátua do Príncipe Feliz.

“Como ele perdeu a beleza, perdeu também a utilidade”, disse o Professor de Arte da Universidade.

Derreteram a estátua na fornalha e o Prefeito convocou uma reunião da Corporação para decidir o que seria feito com o metal.

“Nós precisamos de outra estátua, naturalmente”, disse ele, “e deve ser uma estátua de mim mesmo”.

“De mim!”, disseram cada um dos Conselheiros da Cidade, e começaram a discutir. Da última vez que ouvi falar deles, ainda estavam discutindo.

“Que coisa estranha!”, disse o inspetor dos operários da fundição. “Esse coração partido de chumbo não permite ser derretido na fornalha. Devemos atirá-lo fora”. Então eles o arremessaram em um monte de poeira, no lugar em que jazia o Andorinha.

“Traga-me as duas coisas mais preciosas da cidade”, disse Deus a um de seus Anjos, e o Anjo trouxe-Lhe o coração de chumbo e o pássaro morto.

“Você fez a escolha mais acertada”, disse Deus, “pois em meu jardim no Paraíso esse pequeno pássaro deverá cantar para sempre, e em minha cidade de ouro o Príncipe Feliz deverá louvar-me”.

FIM

“Ela disse que dançaria comigo se eu lhe trouxesse rosas vermelhas”, exclamou o jovem Estudante, “mas em todo o meu jardim não tem uma única rosa vermelha”.

Do seu ninho, na árvore de carvalho, a Rouxinol o ouviu, e olhou por entre as folhas, curiosa.

“Nem uma única rosa vermelha em todo o jardim”, lamentou-se o jovem, e seus belos olhos encheram-se de lágrimas. “Ah! Como a felicidade depende de coisas tão simples! Eu li tudo o que os sábios escreveram, e possuo todos os segredos da filosofia, ainda assim, por desejar uma rosa vermelha, minha vida foi arruinada”.

“Aqui, finalmente, está um verdadeiro apaixonado!”, disse a Rouxinol. “Noite após noite tenho cantado a respeito dele, apesar de não conhecê-lo: noite após noite contei sua história para as estrelas, e agora eu o vejo. Seus cabelos são negros como o jacinto em flor e seus lábios são rubros como as rosas que deseja; mas a paixão tornou-lhe a face pálida como o marfim e a tristeza marcam-lhe a fronte”.

“O Príncipe promoverá um baile amanhã à noite”, murmurou o jovem estudante, “e minha amada estará sem companhia. Se eu levasse a ela uma rosa vermelha, ela dançaria comigo até o amanhecer. Se eu levasse a ela uma rosa vermelha, poderia envolvê-la em meus braços; ela repousaria a cabeça em meu ombro e sua mão ficaria presa à minha. Mas não existe uma única rosa vermelha em meu jardim, por isso me sentarei sozinho no baile, e ela passará reto por mim. Não irá reparar em mim, e isso partirá meu coração”.

“Trata-se mesmo de um verdadeiro apaixonado”, disse a Rouxinol. “O que eu canto, ele sofre; o que para mim é diversão, para ele é dor. Certamente o Amor é uma coisa maravilhosa. Tem mais valor que as esmeraldas e é mais desejado que preciosas e refinadas pedrarias de opala. Pérolas e romãs não podem comprá-lo, ainda que ele esteja exposto no mercado. Ele não pode ser adquirido por mercadores, nem pode ser vendido a peso de ouro”.

“Os músicos se sentarão em seus lugares”, disse o jovem Estudante, “e tocarão seus instrumentos de corda, e minha amada dançará ao som de harpas e violinos. Ela dançará com tanta leveza que seus pés não tocarão o piso, e as cortesãs em seus alegres vestidos se reunirão em torno dela. Mas comigo ela não dançará, porque não tenho uma rosa vermelha para oferecer-lhe”, e atirando-se na relva, escondeu a face entre as mãos e chorou.

“Por que ele chora?”, perguntou a pequena lagartixa verde ao passar correndo, com a cauda erguida, ao lado do jovem.

“Por que, de fato?”, disse a Borboleta, que esvoaçava por perto seguindo um raio de sol.

“Por que, na verdade?”, sussurrou a Margarida ao seu vizinho, numa voz baixa e suave.

“Ele chora por uma rosa vermelha”, disse a Rouxinol.

“Por uma rosa vermelha?”, exclamaram, “que ridículo!”, e a pequena lagartixa, que era um pouco cínica, riu bem alto.

Mas a Rouxinol compreendeu o segredo da tristeza do Estudante e, sentada num ramo de carvalho, meditou a respeito do mistério do Amor.

Subitamente, estendeu as asas castanhas para voar e ergueu-se nos ares. Passou pelo bosque como uma sombra, e como uma sombra voou através do jardim.

No centro do canteiro de grama havia uma bela roseira e quando a Rouxinol a viu, voou em sua direção, pousando em um dos ramos.

“Dê-me uma rosa vermelha”, clamou, “e eu cantarei para você minha mais doce melodia”.

Mas a Roseira meneou a cabeça.

“Minhas rosas são brancas”, respondeu, “tão brancas quanto a espuma do mar e mais brancas que a neve sobre a montanha. Porém, vá até meu irmão que cresce perto do relógio de sol e talvez ele dê o que você deseja”.

Sendo assim, a Rouxinol sobrevoou a roseira que crescia próxima ao antigo relógio de sol.

“Dê-me uma rosa vermelha”; ela clamou, “e eu cantarei para você minha mais doce melodia”.

Mas a Roseira meneou a cabeça.

“Minhas rosas são amarelas”, respondeu, “tão amarelas quanto os cabelos das sereias que se sentam no trono âmbar e mais amarelas que o narciso em flor na campina antes que o ceifador venha com sua foice. Porém, vá até meu irmão que cresce abaixo da janela do Estudante, e talvez ele dê o que você deseja”.

Sendo assim, a Rouxinol sobrevoou a roseira que crescia abaixo da janela do Estudante.

“Dê-me uma rosa vermelha”, ela clamou, “e eu cantarei para você minha mais doce melodia”. E meneou a cabeça.

“Minhas rosas são vermelhas”, respondeu, “tão vermelhas quanto os pés das pombas e mais vermelhas que os grandes leques de corais que ondulam e ondulam na caverna oceânica. Mas o inverno resfriou minhas veias e a geada queimou meus botões, a tempestade quebrou meus galhos e eu não terei rosas este ano”.

“Uma única rosa vermelha, é tudo o que eu quero”, lamentou a Rouxinol. “Apenas uma rosa vermelha! Não existe nenhuma maneira de consegui-la?”.

“Existe uma”, respondeu a Roseira, “mas é tão terrível que eu não tenho coragem de contá-la a você?”.

“Conte para mim”, disse a Rouxinol, “eu não tenho medo”.

“Se quiser uma rosa vermelha”, disse a Roseira, “deverá forjá-la com música à luz da lua e tingi-la com o sangue de seu próprio coração. Deverá cantar para mim com um espinho fincado no peito. Durante toda a noite você deverá cantar para mim, e o espinho deverá furar seu coração; seu sangue vital deverá fluir para minhas veias, e tornar-se meu”.

“A Morte é um preço alto a ser pago por uma rosa vermelha”, lamentou-se a Rouxinol, “e a vida é cara a todos. É prazeroso pousar na floresta verde e observar o sol em sua carruagem de fogo, e a lua em sua carruagem de pérolas. Doce é o aroma da pequena roseira e doces são as campânulas que se escondem no vale e a urze que floresce na colina. Ainda assim o Amor é melhor que a vida, e o que é o coração de um pássaro comparado ao coração de um homem?”.

Então ela abriu as asas castanhas para voar, e lançou-se nos ares. Sobrevoou o jardim como uma sombra, e como uma sombra flutuou através do bosque.

O jovem Estudante permanecia deitado na relva, onde ela o deixara, e as lágrimas em seus belos olhos ainda não haviam secado.

“Alegre-se”, gritou a Rouxinol, “alegre-se, você terá sua rosa vermelha. Eu a forjarei com minha música à luz da lua, e a tingirei com o sangue de meu próprio coração. Tudo o que eu peço em troca é que você seja um amante sincero, porque o Amor é mais sábio que a Filosofia, ainda que esta seja sábia, e mais poderoso que a Força, ainda que esta seja poderosa. Suas asas têm a cor do fogo, e rubro como as chamas é o seu corpo. Seus lábios são doces como o mel, e seu hálito é como um incenso”.

O Estudante olhou acima da relva e ouviu, mas não pôde compreender o que a Rouxinol lhe dizia, pois conhecia apenas o que estava escrito nos livros.

Mas a árvore de Carvalho compreendeu e entristeceu-se, pois havia se tornado íntimo da Rouxinol, que fizera o ninho em seus galhos.

“Cante-me uma última canção”, sussurrou, “eu me sentirei muito só quando você partir”.

E a Rouxinol cantou para o Carvalho, e sua voz lembrava o murmúrio da água fluindo de um jarro de prata.

Quando ela terminou a canção, o Estudante levantou-se e puxou do bolso um lápis e um caderno de notas.

“Ela tem estilo”, disse para si mesmo enquanto caminhava pelo bosque, “isso não se pode negar, mas será que ela tem sentimentos? Temo que não. Na verdade, ela é como a maioria dos artistas: possui toda a técnica, mas não há sinceridade. Não se sacrificaria pelos outros, pois se preocupa apenas com a música, e todos sabem que a arte é egoísta. Ainda assim, é preciso admitir que ela atinge belas notas com a voz. É pena que isso não signifique nada, nem faça algo de bom na prática”.

Então ele entrou em seu quarto, deitou-se na pequena cama e começou a pensar em seu amor. Depois de um tempo, caiu no sono.

Quando a lua resplandeceu no céu, a Rouxinol voou para a roseira e pôs o peito contra o espinho. Por toda a noite ela cantou com o espinho cravado no peito, e a fria lua de cristal inclinou-se para ouvi-la. Durante toda a noite ela cantou, e o espinho cravou-se cada vez mais fundo em seu peito, enquanto esvaía-se o sangue vital.

Primeiro cantou o nascimento do amor no coração de um rapaz e de uma moça. E no topo do ramo mais alto da Roseira floresceu uma rosa esplêndida, pétala por pétala, como uma canção era seguida de outra. Pálida, no início, como a bruma que paira sobre o rio; pálida como os pés da manhã e prateada como as asas do amanhecer. Como a imagem de uma rosa refletida num espelho de prata, como a imagem de uma rosa em uma pequena lagoa, assim era a rosa que floresceu no ramo mais alto da Roseira.

Mas a Roseira suplicou à Rouxinol que apertasse mais o peito contra o espinho.

“Aperte mais, pequena Rouxinol”, clamou a roseira, “ou o dia romperá antes que a rosa esteja pronta”.

Então a Rouxinol forçou ainda mais o peito na direção do espinho, e sua música cresceu mais e mais alta, porque ela cantava o amor que nascia na alma de um homem e de uma mulher.

Um delicado rubor rosado surgiu entre as folhas da rosa, como o rubor na face do noivo ao beijar os lábios da noiva. Porém, o espinho ainda não atingira o coração, e assim o coração da rosa permanecia branco, pois apenas o sangue do coração de um rouxinol pode tingir de vermelho o coração de uma rosa.

A Roseira suplicou à Rouxinol que apertasse ainda mais o peito contra o espinho.

“Aperte mais, pequena Rouxinol”, clamou a Roseira, “ou o dia romperá antes que a rosa esteja pronta”.

Então a Rouxinol aproximou-se ainda mais, o espinho tocou seu coração e ela sentiu uma pontada de dor aguda. Mais e mais penetrante era a dor, e a música crescia mais e mais impetuosa, pois ela cantava o Amor sublimado pela Morte, o Amor que não morre no sepulcro.

E a rosa esplêndida tingiu-se de rubro, como a rosa do firmamento do firmamento. Rubro era o anel de pétalas; rubro como o rubi era o coração.

Mas a voz da Rouxinol tornou-se fraca, suas pequenas asas começaram a bater e um véu cobriu seus olhos. Mais e mais fraca tornou-se a música e ela sentiu alguma coisa asfixiando-lhe a garganta.

Com isso, sua música irrompeu uma última vez. A lua branca a ouviu e esquecendo-se da alvorada, demorou-se no céu. A rosa vermelha a ouviu, e estremeceu inteira em êxtase, abrindo as pétalas para o ar frio da manhã. Eco levou o canto até sua caverna púrpura nas colinas, despertando os pastores de seus sonhos. A melodia flutuou através dos juncos do rio, que levou a mensagem até o mar.

“Olhe, olhe!”, exclamou a Roseira, “a rosa está pronta agora”; mas a Rouxinol não deu resposta, pois jazia morta na relva alta, com o espinho cravado em seu coração.

Ao meio-dia o Estudante abriu a janela e olhou ao redor.

“Nossa, que grande golpe de sorte!”, exultou, “aquí está a rosa vermelha! Eu nunca vi uma rosa como esta em toda a minha vida. Ela é tão linda que eu garanto que seu nome científico é imenso”. Inclinou-se e apanhou a rosa.

Então, pôs o chapéu e correu até a casa do Professor, segurando a rosa.

A filha do Professor estava sentada à porta, enrolando fios de seda azuis em um carretel, e seu pequeno cachorro deitava-se a seus pés.

“Disse que dançaria comigo se eu lhe trouxesse uma rosa vermelha”, clamou o Estudante, “aquí está a rosa mais vermelha de todo o mundo. Você a usará esta noite, próxima ao coração, e enquanto estivermos juntos, dançando, ela lhe dirá o quanto eu a amo”.

Mas a garota aborreceu-se.

“Temo que essa rosa não combine com meu vestido”, respondeu, “além do mais, o sobrinho do Camarista enviou-me joias verdadeiras, e todos sabem que joias são muito mais caras que flores”.

“Bem, no meu entender, você é muito ingrata”, disse, furioso, o Estudante e atirou a rosa na calçada. Ela caiu na sarjeta e foi esmagada por uma carroça.

“Ingrato!”, disse a moça. “Vou dizer-lhe o que você é, você é muito grosseiro e, além do mais, quem é você? Apenas um Estudante. Porque eu não acredito nem que seus sapatos tenham fivelas de prata, como as do sobrinho do Camarista”.

Ela levantou-se da cadeira e entrou na casa.

“Que coisa estúpida é o Amor”, disse o Estudante enquanto caminhava. “Não tem nem metade da utilidade da Lógica, porque não prova nada e está sempre dizendo às pessoas coisas que não vão acontecer, fazendo-as acreditar em coisas que não são verdadeiras. Na verdade, é completamente inútil, e, nos dias de hoje, ser útil é tudo. Voltarei à Filosofia e ao estudo da Metafísica”.

Sendo assim, ele retornou ao quarto, puxou um livro empoeirado e começou a ler.

FIM